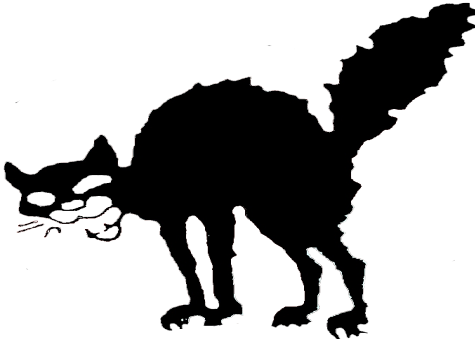
A emancipação de nossa gente é nossa obra!

Organiza e Luta!
Anarquia Sempre!

EDITORIAL

Ai companheirada, a Aurora Obreira demorou para sair, mas tá ai, firme e forte. Tivemos que reeditar alguns textos e refazer a diagramação inteira, porque houve problemas no computador.

Convidamos a tod@s para contribuirem para a edição de julho/agosto 2011 e também já começou a organização do X Expressões Anarquistas, uma década do importante evento que troxe o anarquismo para a discussão em nossa região.

Fiquem com o material, enviem suas propostas e criticas. Vamos agir, a luta está ai e não é brincadeira.

Aguardamos vocês nas barricadas!!!

Saúde e anarquia!

Fenikso Nigra

Grupo de ação e divulgação anarquista e do esperanto, construindo o anarquismo através de práticas libertárias.

AURORA OBREIRA

Redação: Voluntários do Fenikso Nigra
Editoração: ICN
Imagens: Arquivo Bem Estar e Liberdade
Esta revista foi inteiramente desenvolvida em softs livres:
LIBREOFFICE, INKSCAPE, GIMP, SCRIBUS em plataforma operacional Linux: Ubuntu 11.04.

Contatos:
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net
Barricada Libertária:
barricadalibertaria@yahoo.com.br
Expressões Anarquistas: exprana@riseup.net

Listas eletrônicas (solicite já sua adesão):
expressoesanarquistas@lists.riseup.net
fenikso@lists.riseup.net

Fenikso Nigra - Caixa Postal: 5005 - CEP: 13036-970 - Campinas/SP

Aurora Obreira - Revista anarquista - nº 09 - Maio/Junho 2011. Revista anarquista para divulgação e informação sobre o anarquismo.

A essência Anarquista

A possibilidade de se afirmar e adotar uma rotulação que diga seja um elemento vinculado a um determinado grupo “x” ou “y” existe, mas não depende somente desta autoafirmação para que se concretize tal personificação. Há de ter também um elemento externo, próprio do grupo, segmente ou do contexto que esteja vinculado. E isso significa que de forma clara, não basta dizer que é um “anarquista”, andar com uma camiseta com um A na bola, ou tatuar elementos e ícones que associem ao anarquismo, existe algo que vai além dessa caracterização, que são os aspectos psicológicos que criam o ser anarquista e o que fará distingui-lo onde quer que esteja, caracterizado ou não.

O que chamamos atenção é o compromisso com a proposta revolucionária, o que significa de fato assumir ações coerentes com a liberdade plena e a luta contra a opressão constante e dominante que impedem o livre desenvolvimento de cada ser. E no caso não podemos misturar ou confundir com um pretensa disciplina revolucionária.

Entendemos disciplina como controle totalitário e metódico para um determinado fim, que leva a uma hierarquização e um desprezo aos elementos livres e soltos da luta. Na luta de emancipação, com fundamentos anarquistas, não podemos destruir um poder pela disciplina, pela organização disciplinada e ordenada, mas sim pelo compromisso caótico de nossa gente em fazer o bem estar e liberdade uma realidade agora, rompendo com tudo que impeça isso, sejam leis, sejam regras, sejam processos que levem a estagnação da luta. Esse compromisso abre espaço para criatividade e ação direta de tod@s.

Tendo compromisso com anarquia, tudo o mais se faz. O compromisso leva a que cada um assuma as tarefas necessárias, sem a necessita de impor ou ter que dar “presta atenção”. È natural ao anarquista assumir as ações, fazer diretamente e responder por tudo o que faz. Estranho seria e é que pretensos anarquistas que ficam acomodados, apáticos e submetidos as lógica do capital e confundir liberalismo como se fosse uma prática anarquista, que não é. O liberalismo é a ditadura do indivíduo egoísta que não entende que as relações sociais são constituídas de forma coletiva e que seu eu é devido aos indivíduos que o rodeia.

Povos Autóctones: o genocídio continua

Com a vinda sistemática de europeus ao final do Século XV para o continente que eles batizaram a ferro e fogo de América, os povos que lhes precederam foram duramente espezinhados e praticamente aniquilados, num brutal genocídio, possívelmente sem precedentes até então na história da humanidade.

Com variadas formas de civilização e valores culturais, milhões de seres humanos habitavam a milhares de anos esse imenso continente que se espraia da Antártica ao Ártico.

Os europeus vieram à América para impor, para conquistar, para se apossar dos bens materiais da terra e nessa esteira além de trucidar aldeias e cidades, levando a morte milhões de crianças, mulheres, idosos e varões, não titubearam, qual já vinham fazendo na Eurásia quanto na África, em escravizar os remanescentes, para isso não hesitaram em mover suas fratricidas "Santas Guerras" contra os diferentes povos com que se deparavam.

Não bastasse sua estultice e ganância de seu capitalismo pré-industrial, as doenças das quais eram portadores, muito contribuíram em dizimar parcela significativa das populações autóctones. Povos que somavam milhões ficaram reduzidos a algumas centenas em todo o continente. Alguns povos atualmente (2011) não passam de dezenas. Não bastasse essa tragédia de mais de 500 anos, as agressões aos sobreviventes ainda permanecem no cotidiano da América.

Diariamente nos chegam noticias de agressões, de doenças, de incêndios criminosos, praticados contra indefesos indígenas. As violências são tanto no plano individual quanto no coletivo. Não escolhe meio urbano ou o interland das florestas remanescentes. Quando não estão em jogo interesses de natureza

econômica, os ataques se dão no plano cultural e na dificuldade dos "pacatos" cidadãos urbanizados aceitarem o indígena, o qual infelizmente é visto de forma tendenciosa.

O conceito de supremacia branca, lamentavelmente está ainda em voga em pleno Século XXI, o que justifica a permanente agressão. As populações indígenas, teórica e legalmente, estão sob tutela do Estado – caso do Brasil – previsto isso tudo na 'Constituição Cidadã'. Quem tomou essa decisão foram os "constituintes brancos" em 1988, sem em momento algum serem consultados os verdadeiros interessados e se essa era sua vontade ou seria também a melhor forma.

Um caso contumaz de agressão aos Territórios Indígenas é estarem indevidamente ocupados por posseiros a dezenas de anos. A chamada posse pacifica vem servindo como luva, para a omissão dos governantes de plantão, os quais, injustificadamente alegam falta de dinheiro, para indenizar e com isso poder remover os ocupantes de boa fé das terras indígenas, das quais, estes mesmos indígenas, tem somente sob o ponto de vista constitucional, portanto, legal a posse, pois a propriedade injustificadamente é da União.

A demarcação e remoção dos Territórios Indígenas dos invasores (madeireiros, garimpeiros, grileiros, latifundiários e outros) é motivo de permanente angústia dos diferentes povos atingidos por esse tipo de conduta que visa somente explorar a terra de forma destrutiva, sem se preocupar com sua preservação e com isso acelerando a destruição de seus legítimos ocupantes e na esteira das terras e reservas íncolas. Esses para manter a relação de equilíbrio homem e natureza, necessitam preservar e ocupar territórios que resguardem as características ancestrais de respeito ao meio ambiente.

Os diferentes governos submissos ao grande capital internacional rasgam constantemente suas próprias leis, feitas ou votadas por seus Congressos Nacionais e não hesitam em invadir as reservas indígenas sob o argumento da falsa defesa dos interesses nacionais, e não titubeiam em construir hidrelétricas que só servem aos poderosos. Se o solo abriga ainda algum tipo de riqueza mineral, argumentos idiotas como soberania, segurança nacional, pagamento da dívida externa, distribuição da riqueza nacional e mais recentemente o tal de desenvolvimento econômico para inclusão dos menos favorecidos justificam. Nesses momentos sobram recursos estatais para toda espécie de agressão.

No caso especifico do Brasil um exemplo lapidar da bandidagem esta centrada na auto-suficiência da cadeia do urânio. A salomônica solução estatal se ancora no adiamento nas demarcações dos territórios indígenas propensos a conterem reservas de urânio, o que evitaria qualquer óbice legal em permitir não só a exploração dessas reservas, bem como afastar qualquer contingencia legal e ecológica. (Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e

fazer respeitar todos os seus bens. Parágrafo 3º: "O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei".) O grande projeto inclusive se baseia na formação de parcerias entre o público e o privado, as quais já começam a estar em andamento, já rompendo com o monopólio estatal, o qual em tese, ainda seria salvaguarda nacional e próprio da "segurança nacional".

No restante da América, a situação não difere muito da Brasileira. As regras ditadas pelos Estados e seus governantes de plantão, ditatoriais ou "democráticos representativos", preservam sem exceção os interesses das minorias abonadas – banqueiros, latifundiários, mega investidores -, em detrimento dos interesses da maioria da população pobre, as quais lhe são impostos o tacão da ignorância e do trabalho sem direitos.

Aos explorados sobeja maioria das populações residentes nas "Américas", fica o desafio de superar o estado de opressão através de sua própria organização, mantendo incessantemente a luta por seus direitos com vista a derrotar todas as formas de opressão, sobretudo a emanadas do capital, o qual não respeita sequer a vida em prol de seus mercenários e genocidas lucros.

Caxias do Sul, maio de 2011.
Centro de Estudos e Pesquisa Social

Por nossa emancipação nos campos e cidades!
Saúde e anarquia!

Descaminhos do Campo: tragédias para os que trabalham

Embora todo o esforço do Estado Brasileiro e seus áulicos – Áulico = Nos tempos do império, designava os cortesãos palacianos, os que defendiam o governante mesmo ele estando errado - em demonstrar, qual no período do milagre (Anos 70 do Século XX), que o Brasil e os brasileiros estão presentemente (2011) vivendo em condições paradisíacas de crescimento e conseqüente prosperidade, a realidade social continua sendo bem outra.

Ater-nos-emos tão somente em dois nefastos indicadores sociais da triste situação das crianças, mulheres e homens do campo do Brasil, os quais sabemos estão longe de expressar a realidade do mundo rural brasileiro, mas como toda e qualquer pesquisa social nesse país enfrenta interesses difusos consideramos os dados elencados como apontadores minimizados para o que existe da fato, em nosso cotidiano.

O primeiro tópico diz respeito à infeliz e trágica exploração que milhares de brasileiros estão sendo submetidos pelo absurdo, inaceitável e ainda vigente instituto da escravidão. Teoricamente extinto no Brasil ainda no Século XIX, persistiu seu uso pelos poderosos em todo o território nacional nesses mais de 120 anos subseqüentes, chegando "pacifica" e "ordeiramente" ao Século XXI para desgraça dos oprimidos.

Supostamente premido por organismos internacionais que teoricamente defenderiam os trabalhadores, o Governo brasileiro passou a 'reconhecer' o problema da escravidão como fato concreto do meio rural – só no meio rural? - e para isso passou a desenvolver tímidas ações de 'resgate' dos trabalhadores submetidos a esse regime de exploração.

Os resultados das ações tem se mostrado, infelizmente, pequenos diante da magnitude do problema. Os números verificados somente permitem nos certificar que a situação é muito mais grave, servindo a pseudo ação governamental de combate a escravidão para encobrir a real aposta que os plantonistas fazem que é o agronegócio, deixando na amargura trabalhadores

rurais e mesmo os pequenos proprietários que produzem alimentos para o consumo interno do conjunto dos trabalhadores – campo e cidade - os quais vêem a cesta básica subir astronomicamente a cada momento.

O quadro abaixo, baseado nas informações oficiais apenas atesta que a realidade deve encerrar número maior de escravos, para os quais, não se cogita seu resgate nem se indica o paradeiro.

Escravidão no Brasil – Números Oficiais relativos aos trabalhadores resgatados:

Ano	Resgatados	Ano	Resgatados	Ano	Resgatados
1995	84	**2000**	516	**2005**	4348
1996	425	**2001**	1305	**2006**	3417
1997	394	**2002**	2285	**2007**	5999
1998	159	**2003**	5223	**2008**	5016
1999	725	**2004**	2887	**2009**	3769

**Fonte: Divisão de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo - DETRAE*

Persiste nosso entendimento de que tanto a ação governamental de combate ao crime de cativeiro, quanto a amplitude do problema restam sub-dimensionados tendo em vista que passados mais de 15 anos da definição do programa e execução do mesmo, a penalização dos responsáveis tem restado deserta, em suma os escravocratas não sofreram sanção alguma de parte do Estado democrático e de direito.

No que se refere à escravidão queremos ainda registrar que a mesma não é exclusividade do meio rural, onde os prestidigitadores de plantão dirigem os holofotes da mídia permissionária, situação análoga ao campo é a dos estrangeiros explorados em grandes centros industriais. A situação de pretensa ilicitude no que tange a sua presença no Brasil, acaba legitimando sua super-exploração no seio do meio urbano. Infelizmente não vemos nem ouvimos falar de programa federal de agregação dos estrangeiros explorados no Brasil objetivando trazê-los para no mínimo ao pífio degrau da formalidade.

Conflitos no Campo

Embora a magnitude dos conflitos do campo não deva ser resumida a alguns adjetivos e conceitos, nos socorremos humildemente nos dados e informações disponíveis para poder demonstrar nossa preocupação com o desejo de mudança no quadro real e também no virtual, pois estamos fartos de limitadas ou inexistentes informações, ou seja, o Estado, além de nada fazer para superar os conflitos, sequer acompanha e mensura as situações de confronto.

Campo e conflitos: números particulares:

Ano	Conflitos pela Água	Assassinatos	Número Total dos Conflitos de Terra
1996		54	750
1997		30	736
1998		47	1.100
1999		27	983
2000		21	660
2001		29	880
2002	14	43	925
2003	20	73	1.690
2004	60	39	1.801
2005	71	38	1.881
2006	45	39	1.657
2007	87	28	1.538
2008	46	28	1.170
2009	45	25	1.184

- *Fonte: Setor de Documentação da Secretaria Nacional da CPT.*

Ano	Casos de Tortura	Tentativas de Assassinato	Ameaças de Morte	Presos	Famílias Expulsas	Famílias Despejadas	Famílias ameaçadas pela ação de pistoleiros
2008	6	44	90	168	1841	9.077	6.963
2009	71	62	143	204	1884	12.388	9.031

- *Fonte: Setor de Documentação da Secretaria Nacional da CPT.*

Os números acima são de instituição privada, sem que se tenha conhecimento de conduta oficial do Estado brasileiro no sentido de solver minimamente a questão dos conflitos apontados, que tem implicado na supressão de vidas. Infelizmente isso é regra geral no que tange ao Estado, tendo em vista que todos os indicadores* trazem números astronômicos – fome, acidentes de trabalho, trânsito, presídios superlotados, homicídios, desmatamento, poluição, alagamento das cidades, analfabetismo, informalidade e precarização do trabalho, outros - sem que medidas preventivas e corretivas sejam adotadas. A questão social do campo é somente um dos muitos problemas que a sociedade se bate, sem se ver solução de parte

dos que arrecadam os impostos.

Mesmo onde os confrontos têm recebido acompanhamento institucional, observa-se que os mentores e executores restam em regra absolvidos de suas condutas criminosas. Raramente alguém – grileiros, latifundiários, pistoleiros, gatos, etc. – é conduzido às barras dos tribunais, e insubsistentes são as medidas punitivas. Permanecem os explorados, portanto, sob a ameaça constante do tacão opressor do medo e da morte certa, pois seus pares já sofreram semelhante afronta, sem que as autoridades democráticas e de direito constituídas efetivamente se voltem para a solução dos problemas.

Nosso compromisso fica reiterado diante do quadro de opressão social vigente, ou seja, temos por obrigação manter as denúncias publicizando-as ao máximo nos meios que dispomos e dilatar sempre que possível e gradativamente as ações diretas de combate a tirania e a todas as formas de exploração que lhe são correlatas.

A mensuração e exposição dos indicadores sociais seria dever do Estado e de seus Institutos, os quais, através de seus Servidores (as) os fazem de forma competente. Para o cidadão a dificuldade toda reside em ter acesso a essas informações. Em nosso entendimento também estão desertos de indicadores públicos setores vitais da economia, da educação, da saúde, do mundo do trabalho. O mais grave de tudo isso é que se está impedindo um amplo debate dessas questões no seio da sociedade e com isso também se impedindo que os que pagam regiamente os impostos possam cobra do Estado brasileiro mais e melhor resolutividade.

Caxias do Sul, maio de 2011.
Centro de Estudos e Pesquisa Social

1º Maio – Origem de Luta

Cento e vinte cinco anos desde as primeiras manifestações do Primeiro de Maio nos EUA e os acontecimentos trágicos de 1886: nos dias 3 e 4 de Maio desse ano, nas calçadas de Chicago correu sangue dos trabalhadores – vítimas da chacina policial. Ao lembrar mais um dia de luta dos trabalhadores, os trabalhadores do planeta recordam a luta, a solidariedade de tal forma que o movimento internacional dos trabalhadores possuem uma luta comum no combate encarniçado contra o capital e seus colaboradores1.

Em meados da década de 80 do século passado, nos EUA verificavam-se profundos contrastes sociais. Basta dizer que naquela época o dia de trabalho durava 16 horas, o que era um anacronismo clamante para os EUA que já então eram a maior potência industrial do mundo. Isto devia-se, em grande parte, a um desenvolvimento relativamente fraco do movimento sindical no país, o que, por seu turno, se explicava por certas particulares de formação de classe operária estadunidense. Até aos princípios da década de 80 do século XIX, no Oeste do país existiam terras livres e, por conseguinte, existia a possibilidade de um operário se tornar proprietário dum terreno.2 A consciência de classe nesse ambiente era muito mais difícil. Uma grande parte dos trabalhadores qualificados, principalmente os de origem anglo-saxônica, encontravam-se numa situação privilegiada que melhorava ainda mais, à medida que cresciam os monopólios industriais.

Esta “elite” operária não desejava amiúde levar em consideração os interesses da maioria dos trabalhadores constituído, sobretudo, por emigrantes recentes. Estes últimos estavam divididos por barreiras

raciais, religiosas, linguísticas e nacionais. Tudo isso, juntamente com a política do Estado orientada claramente contra o operariado, dificultavam o desenvolvimento das organizações operárias nos EUA.

No entanto, em 1881 surgiu uma aliança operária que passou a desempenhar em breve papel preponderante no movimento operário. Foi a Federação dos Sindicatos Industriais e Comerciais dos EUA e Canadá que a partir de 1886, passou a ser denominada Federação Americana do Trabalho. Foi precisamente essa organização que aprovou no seu congresso em Outubro de 1885 a histórica resolução sobre o estabelecimento do dia de trabalho de 8 horas. Os sindicatos foram incumbidos de pôr em vigor a partir do Primeiro de Maio de 1886 tal resolução.

Qual era o objetivo dos sindicatos de “por em vigor tal resolução” sobre o dia de trabalho? O procedimento da realização desta exigência foi elaborado também no Congresso de 1885 e previa a conversa direta dos sindicatos com os empresários, para fecharem um acordo de ambas as partes por escrito. Se essas conversas não obtivessem a redução pretendida, no 1 Maio de 1886 os sindicatos deviam recorrer à greve, cujos os preparativos já estavam em andamento.

Os preparativos para greve nacional do 1 Maio e manifestação pelas 8 horas revestiram maior envergadura no coração industrial do país, Chicago, conhecida amplamente nos EUA como centro do movimento operário mais ativo e de tradições

combativas.

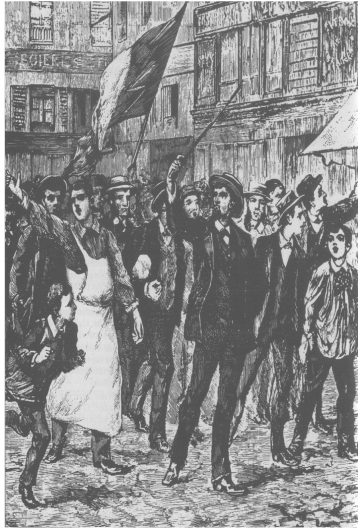
Um papel importante nas organizações operárias era a atuação dos anarcossindicalistas ou sindicalistas revolucionários para muitos. Inicialmente tinham uma discussão sobre a questão das 8 horas, da qual viam como paliativa e legitimava a exploração dos patrões através da regularização do salário de fome sobre o período, dando um entendimento ilusório que os salários seriam justos nessa situação. No decorrer daquele período entenderam a necessidade que a redução era importante para o processo emancipatório dos trabalhadores, pois abria espaço para aprofundar as reivindicações imediatas rumo a ruptura total. Com a participação anarcossindicalista, a luta tende a ser mais profunda e radical.

O capitalismo, sobretudo em Chicago, estava coeso e através de

informantes infiltrados e pelas discussões com os sindicatos, também se preparavam para a paralisação do 1º Maio. Foi dado alerta geral e preparavam-se cuidadosamente a guarda nacional, a cavalaria, a polícia e unidades de "ajudantes" do xerife. Funcionava ininterruptamente o "Comitê dos Citadinos", formado pelos homens de negócios.

A imprensa burguesa deu início a uma campanha de perseguições e calúnias contra os mais destacados militantes do movimento operário em Chicago. Por exemplo, o jornal Chicago Mail informava no seu artigo de fundo do 1º de Maio de 1886 que pela cidade vagueavam dois bandidos perigosos, dois covardes que se escondiam por trás das costas dos outros e procuravam provocar agitações. Os seus nomes eram Albert R. Parsons e August Spies. E se o motim começasse, os citadinos honestos deviam puni-los para que os demais indivíduos da mesma laia perdessem o desejo de proceder da mesma maneira. Quanto aos meros participantes nas greves e manifestações, os jornais ameaçavam-nos com o esmagamento cruel das "desordens" e com despedimentos em massa.

No 1º de Maio, as ruas de Chicago estavam repletas de soldados e policiais armados. Porém, os longos e cuidadosos preparativos para a manifestação em que deviam participar dezenas de milhares de pessoas não podiam de causar efeito. Naquele momento, os trabalhadores sentiram plenamente a poderosa força da luta solidária do operariado, contra qual as autoridades não ousaram, afinal de contas, aplicar a violência. Nesse dia, não houve nos EUA uma só grande cidade em que não tivessem sido realizadas greves e outras manifestações do proletariado em apoio à reivindicação sobre o dia de trabalho de 8 horas. Ao todo, neste dia estiveram em greve mais de meio milhão de pessoas.

Se os dias 1º e 2º de Maio ocorreram sem incidentes graves, a segunda-feira 3 de maio, em Chicago, a contra-ofensiva empresarial se inicia. Os proprietários de algumas empresas industriais anunciaram a demissão de todos os grevistas. A empresa de máquinas de ceifar McCormick, para onde foram transportados sob proteção especial da policia 300 fura-greves, tornou-se centro dos acontecimentos. Em resposta, os operários desta empresa apoiados pelos trabalhadores dos depósitos de madeira situados nas proximidades desta fábrica organizaram uma manifestação de protesto. A polícia abriu fogo contra os desarmados matando quatro pessoas.

Este crime foi indubitavelmente

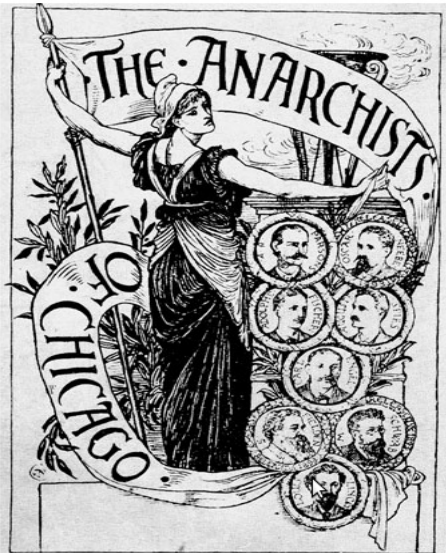
uma provocação por parte da polícia, destinada a suscitar um protesto espontâneo e ações precipitadas que podiam ser utilizados a fim de infligir um golpe decisivo contra o movimento operário, o que ocorreu por parte de alguns grupos, tomados por um sentimento justo de indignação, chamando a ação contra tais arbitrariedades repressoras.

Porém, nos comícios realizados na praça Haymarket, Parsons e seus companheiros Fielden e Spies preveniram em suas falas contra quaisquer protesto desorganizado. Disseram que a organização era mais importante premissa do êxito da luta grevista pelos objetivos almejados. O Presidente da Câmara Municipal de Chicago, Harrison assistiu este comício e declarou depois em depoimento que os discursos e o próprio comício em geral não ultrapassavam os limites da ordem. Mas era precisamente isso que não convinha à reação.

Cerca das 22h começou chover abundantemente. Parsons e Spies, da mesma forma que o presidente da câmara já não mais se encontravam na praça, apenas Fielden terminava sua intervenção. Neste momento chegou uma unidade da polícia, composta por 180 homens armados. O capitão ordenou à multidão, já muito rara, que abandonasse a praça. Nesse momento explodiu uma bomba lançada por um provocador. Um policial foi morto e mais cinco foram feridos, que mais tarde, também faleceram. Este acontecimento marcou o início de uma chacina atroz: dez participantes no comício foram mortos e cerca de 200 feridos.

Os sete "conspiradores": Spies, Fielden, Engel, Lingg, Schwab e Neebe foram presos imediatamente. O oitavo, Parsons, que escapou à prisão, algumas semanas depois aderiu, movido pelo sentimento de solidariedade, aos seus companheiros que se encontravam no banco dos réus. Os juízes permaneceram indiferentes perante ao fato de que sete desses supostos acusados, não se encontravam na praça no momento da explosão e que Fielden estava na tribuna, discursando. Era necessário caluniar e reprimir tais militantes, punir como exemplo para os outros "conspiradores" e depois eliminar o movimento operário – tal era o sentido político deste "processo criminal" provocatório.

Em 20 de agosto, sete acusados foram condenados à pena de morte por enforcamento e um, a 15 anos de prisão.

Os trabalhadores de todo o mundo e com enorme senso de justiça

e solidariedade deram início a uma campanha exigindo a reconsideração da sentença evidentemente forjada. Esta campanha teve êxito apenas parcial. Só dois, Fielden e Schwab, tiveram sua pena comutada pela prisão perpetua. Lingg suicidou-se na prisão. Parsons, Spies, Fisher e Engel foram enforcados no dia 11 de Novembro de 1887 no pátio da prisão de Chicago.

Cinco anos e meio depois desta vergonhosa execusão, em Chicago foi inaugurado solemente o monumento aos dirigentes do proletariado de Chicago, os mártires de Haymarket. Este acontecimento deu-se em 25 de Junho de 1893. Logo no dia seguinte, o governador do Estado de Illinois J.P. Altgeld declarou inválida a decisão do tribunal, libertou os presos que ainda se encontravam e criticou com veemência os juízes, os jurados e as falsas testemunhas. Ele ressaltou na ocasião que presos, da mesma forma que seus companheiros executados, eram inocentes e se tornaram vítimas da arbitrariedade judicial, não as primeiras e nem as últimas (lembremos outro episódio Sacco e Vanzetti, também julgados e executados de forma vil, num processo fraudado pelo Estado).

O Primeiro de Maio de 1886 é um marco e se tornou referência mundial, na luta por emancipação internacional.

Não se pode esquecer essa história ou dela fazer festa, pois é um dia de luta e luto de nossa gente para assegurar o que necessita: Bem Estar e Liberdade!

Construir o saber para emancipar

Para compreensão do que ocorre em nosso redor e posterior formação de uma opinião sobre assunto e construir sua própria concepção, passamos o entendimento técnico para reflexão e discussão. Educar para entender, organizar para resistir e lutar pela emancipação de nossa gente.

O primeiro tema usado é sobre a Inflação, que nos meios econômicos oficiais indicam que está retornando. Em nosso entendimento, ela nunca saiu de cena e foi mascarada por alterações nas referências de dados e maquiagens estatisticas.

Inflação

Aumento persistente dos preços em geral, de que resulta um continua perda do poder aquisitivo de moeda. É um fenômeno monetário, e isso coloca uma questão básica: se é expansão da oferta de moeda que tem efeito inflacionário ou se ela ocorre como resposta à maior demanda de moeda provocada pela inflação.

A inflação pode resultar de fatores estruturais (inflação de custos), monetários (inflação de demanda) ou de uma combinação de fatores. Entretanto, independentemente de causa inicial do processo de elevação dos preços, a inflação adquire autonomia suficiente para se auto-alimentar por meio de reações em cadeia (a elevação de um preço "puxando" a elevação de vários outros). Desse modo, configura-se a chamada espiral inflacionária.

A escola monetarista atribui papel decisivo às expectativas inflacionárias como impulsionadoras das elevações da taxa de juros, das maiores demandas salariais, dos reajustes sistemáticos da taxa cambial e, por extensão, como fator explicativo da autonomia relativa do processo inflacionário. Tudo surgiria espontaneamente, em função do comportamento racional dos agentes, dentro de mercados competitivos.

Os estruturalistas, por sua vez, explicam a inflação pelo fato de demandas salariais deixarem de ser uma questão exclusivamente econômica; elas adquiriram caráter sociopolitico, envolvendo sindicatos, empresas e o governo, o que contribuiu para generalizar a prática

da fixação dos preços em função dos aumentos de custos, em detrimento do rigor impessoal dos mercados competitivos. Dessas duas posições originam-se modelos diferenciados para o processo inflacionário. Segundo os monetaristas, o índice de preços depende do nível de produção física, da velocidade-renda da moeda e do estoque nominal de moeda.

Como os dois primeiros mudam de forma estável no mercado livre, os movimentos do índice geral de preços refletiram unicamente os movimentos do estoque nominal de moeda, determinados pela política econômica. Os planos de gastos do governo, excessivos em relação à capacidade de tributação e endividamento Tesouro Nacional, devidos a crédito subsidiado ou a uma política econômica incompetente (por exemplo, taxas de juros abaixo do nível de equilíbrio), fariam com que não haveria aumentos equivalentes no produto real ou na velocidade com que a moeda circula, os preços subiriam.

O combate à inflação deveria respeitar a "espontaneidade" do mercado (aumentando o desemprego, se necessário), para procurar reverter as expectativas inflacionárias. Seria necessário emitir títulos, aumentar os impostos e, sobretudo, neutralizar a ação dos mecanismo de reajustes, espontâneos ou não, de preços salários, câmbios e taxa de juros. Em contrapartida, os não-monetaristas lembram o impacto inflacionário do aumento de salários, do custo de certos insumos (por exemplo, o petróleo e álcool, no caso brasileiro), da indexação dos preços de certos produtos, ao custo de produção, da estagnação da produtividade de bens de consumo etc.

Para combater a inflação, o governo deveria intervir diretamente nos reajustes de preços, salários, câmbio e juros,para eliminar o poder de barganha dos agentes econômico-sociais "inflacionantes" (por exemplo, as grandes empresas e os sindicatos). Na ausência de um mecanismo de correção monetária, a inflação tende a favorecer os devedores e especuladores, prejudicando os credores, as classes de renda fixa, os pensionistas e os investidores conservadores. Ela redistribui a renda entre setores (por exemplo, agricultura/indústria) e/ou grupos de renda (por exemplo, lucros/salários1).

Além disso, a inflação tende a mudar os hábitos de consumo e a incentivar a aplicação em bens de valorização garantida, mesmo com surto inflacionário (joias, imóveis etc). E pode, ainda, estimular a queda da poupança, se a remuneração desta não se adaptar aos novos níveis de aumento de preços. Em princípios, o índice ideal para medir a inflação resultaria do deflator implícito do produto nacional gerado em determinado período de tempo, que daria uma medida, a uma certa periodicidade, do crescimento dos preços dos bens de consumo, dos bens de produção e de todos os serviços gerados no intervalo de tempo relevante com o concurso da força de trabalho. Por motivos de ordem prática outros índices são usados.

Bazo de abomena civilizo

Por ni, hispanoj, kiuj travivis la antaŭajn kaj unuajn momentojn de ĉi tiu lukto, estas bone konataj la trajtoj de faŝistaj taktiko, ĉar ni provis sperti ĉiuminute la faktojn, rekte kaj proprakule.

Sed eksterlandanoj ne provis akiri senpere ĝustajn ke precizajn informojn kaj restis nevole sub la influo de lerte organizitaj propagandiloj; tial, ili konis nur la "veron", kiun oni liveris al ili, laŭ diversaj formoj celantaj la plej perfektan trompigon.

Sendube, la faŝistoj antaŭe ke zorge preparis sian propagandan plano, ĉar ili tuj komencis konstantan blufon, laŭ tute jezuita sistemo, kiu konsistas cent procente el hipokritaĵoj.

Komencis la krimoj ke samtempe la faŝistoj iniciatis akuzon al ni pri ĉio imagebla kaj neimagebla. La akuzadon ili uzis kvazaŭ densa vualo per kiu ili kovris siajn abomenajn murdojn.

En kunlaboro kun internacia faŝismo ili mastris radiostaciojn, kinojn kaj gazetaron kaj per tiuj elementoj kreis atmosferon em la tuta mondo, tute malfavora al nia popolo, kiu estis prezentata kiel sovaĝa hordo plenumanta ĉiajn monstraĵojn.

Finfine la vero ĉiam elŝprucas tra ĉiaj kaŝiloj. Nun la situacio alvenis em momento kiam la veraj okazĵoj estas ekkonataj ĉie. La faŝistoj murdis kaj murdadas senlime, ili mortigis ĉiujn maldeskstruojn kaj iliajn familianojn, ĉar tiamaniere "jam ne plu restos tia semo"; ili eraras ne atentante ke ĉiu atenco kontraŭ libero nepre naskas milojn de liberemuloj.

Ili intencis senkuraĝigis la pacan loĝantaron em la ariergardo per malnoblaj bombardoj de nemilitaj urboj, kie ili mortigis grandegan kvanton da virinoj, infanoj kaj maljunuloj, sed kontrŭe al siaj esperoj la loĝantaro ne malkuraĝigis, ĝi tremis kaj vibris intense pro indigno mobilizis tutajn siajn fortojn kaj pretiĝis al baldaŭa kaj fina venko.

Kiuj akuzis nin pri barbareco, intense destruas valorajn artaĵojn kiam ili malsukcesas ne atingante siajn militaj planoj kaj sinsekvaj fanfaronaj anoncoj ridige fiaskas antaŭ la popolaj tranĉeoj.

La faŝistoj nur pafis kuraĝo kaj trankvilo dum murdadoj em siaj urboj, bombardante sen lukto pacajn urbojn; antaŭ niaj trupoj ili forkuras, kontraŭ niaj aeroplanoj ili ne volas batali. Bataloj okazas nur kiam ni devigas ilin al lukto; la sukcesoj kiujn ili ŝajne atingis kaj propagandis trgandigitaj, venis al ili ne pro ilia kuraĝo, sed pro nia manko de taŭgaj bataliloj, sed tia situacio jam malaperis kaj ilia malespero kreskis tiagrade ke ili jam perdis ĉiam prudenton, minacas persiste, pliigas siajn krimon kaj tute malatentas ian ajn noblan senton.

Generalo Queipo ĵus diris al fremda gazetisto, ke nia defendo kaj kontraŭatako en Madrido ne suprizis lin, ke li bedaŭras pri tio ke ni estas ricevintaj batalilojn, per kiuj ni malebligis al ili eniri Madridon, kies loĝantaron ili tuj fusilmortigos almenaŭ ĝin duonigante.

Li aldonas: “Estas barbaraĵo pretendi savon de l'vivo de tricent aŭ kvarcent mil madridanoj. Mola, Franco, Cabanellas kaj mi opinias, ke kiam ni mortigos ilin, jam la milito estos fininta kaj paco revenos en Hispanion.”

Ni mortigos ĉiujn virinojn, infanojn kaj maljunulojn, kiuj baros nian vojon. Ni ĉian projektis interkonsente kun Germanio kaj Italio, kaj ni de decidis ke necesas mortigi tri aŭ kvar milionojn de hispanoj por ke nia venko estu definitiva. Se ni ne mortigas ilin sur batalkampo, tion ni faros iel ajn kaj me certigas, ke tiu tasko estos plenumata per niaj Fremda Legio kaj maŭraj trupoj!”.

“Ni ne povas ne plenumi nian promeson al Germanio kaj Italio, ĉar ni estas homoj kun honoro.”

Tian senskrupulan promeson ili komencis jam delonge plenumi; ĉiuj viroj kaj virirnoj, kiuj ne podis sendube atesti pri sia faŝisteco estas murditaj, kaj kelhafoje post nekredeblaj turmentoj. PLI OL 200.OOO PERSONOJ estas mortigitaj de faŝistoj kaj la furiozo ne ĉesas, ĝi ankoraŭ soifas sangon de estuloj kies sola kulpo konsistas en amo al libero kaj progeso aŭ el neaparteno al faŝistaj vicoj.

La ribelinoj jam superis siajn aliancanojn, la italaj faŝistoj, kiuj en Abisenio montris al la mondo ĝis kia grado estas monstra la faŝista taktiko; hispanaj faŝistoj ne nur murdadas civilulojn, detruas hospitalojn kaj bruligas ĉion, sed ankaŭ inventas novajn procedojn por terurigi nin.

Antaŭ kelkaj tagoj, la respublika avidisto José Antonio Galarza estis devigata forlasi sian aeroplanon dum aera lukto kaj per paraŝuto li falis em faŝistan zonon. Postan tagon, el itala bombarda aeroplano, venis en Madridon monstra sendaĵo; kun mirego en malfermitaj okuloj la madridanoj vidis ke per

la sama paraŝuto la faŝistoj sendis la kripligitan kadavron de la aviadisto, em ligna kesto.

Estas tiel granda tiu monstraĵo, ke ni ne povas dubi pri ĉies indigniĝo. Ĉu estas eble ke povas ekzisti homoj kapablas elpensi kaj realigi tian krimon?

Ni ĉiuj, homaranoj, respondos kiel decas tian konduton. Ne hontas pri la ideo ke tiuj sovaĝaj bestoj povus venki eĉ kun helpo de internacio faŝismo. Ni rezistos, eĉ per lasta guto de nia sango, iliajn atakojn kaj ni venkos ilin. Ankaŭ ni esperas, ke ĉiuj demokrataj popoloj helpos nin entuziasmoplene, kun heroa grandeco, en nia tasko por finigi tiun ondon de barbareco kiu post la detruo de nia lando intencas inundi la ceteran mondon.

Poste, ankoraŭ okazis nova barbarega fakto kiu difinas senvorte la faŝistan koncepton pri etiko kaj homa digno. Per bruligaj bomboj elĵetitaj en fremdaj aviadiloj, faŝistoj detruis em Madrido la Nacian Bibliotekon kiu entenas du milionojn da libroj kaj broŝuroj, kelkiuj valoregaj aŭ unikaj ekzempleroj.

Cinika kaj kruela tributo al faŝista civilizo!

Tion ili ne faris hazarde; zorgeme ili planis tiun agon, ĉar temas pri granda konstruaĵo, facile videbla, kiu estis trafe serĉata kaj bruligata intence kaj sisteme, per bomboj ĵetitaj kun tiu ununura celo.

Nia koro ne ŝirigas pro doloro, niaj larmoj ne elfluas el niaj okuloj, niaj pensoj ne iras al kompato; ŝtormo de indigno pelegas nin al firma plenumo de nia devo, al hardigo de nia decido. Ni venkos tian novan “civilizon”, ni evitos ke ĝi povu sukcesi, ni triumfos por la bono de l'progreso kaj de la Homaro.

En Popola Fronto num 03 – 1 Decembro 1936

X Expressões Anarquistas

Outubro 2011

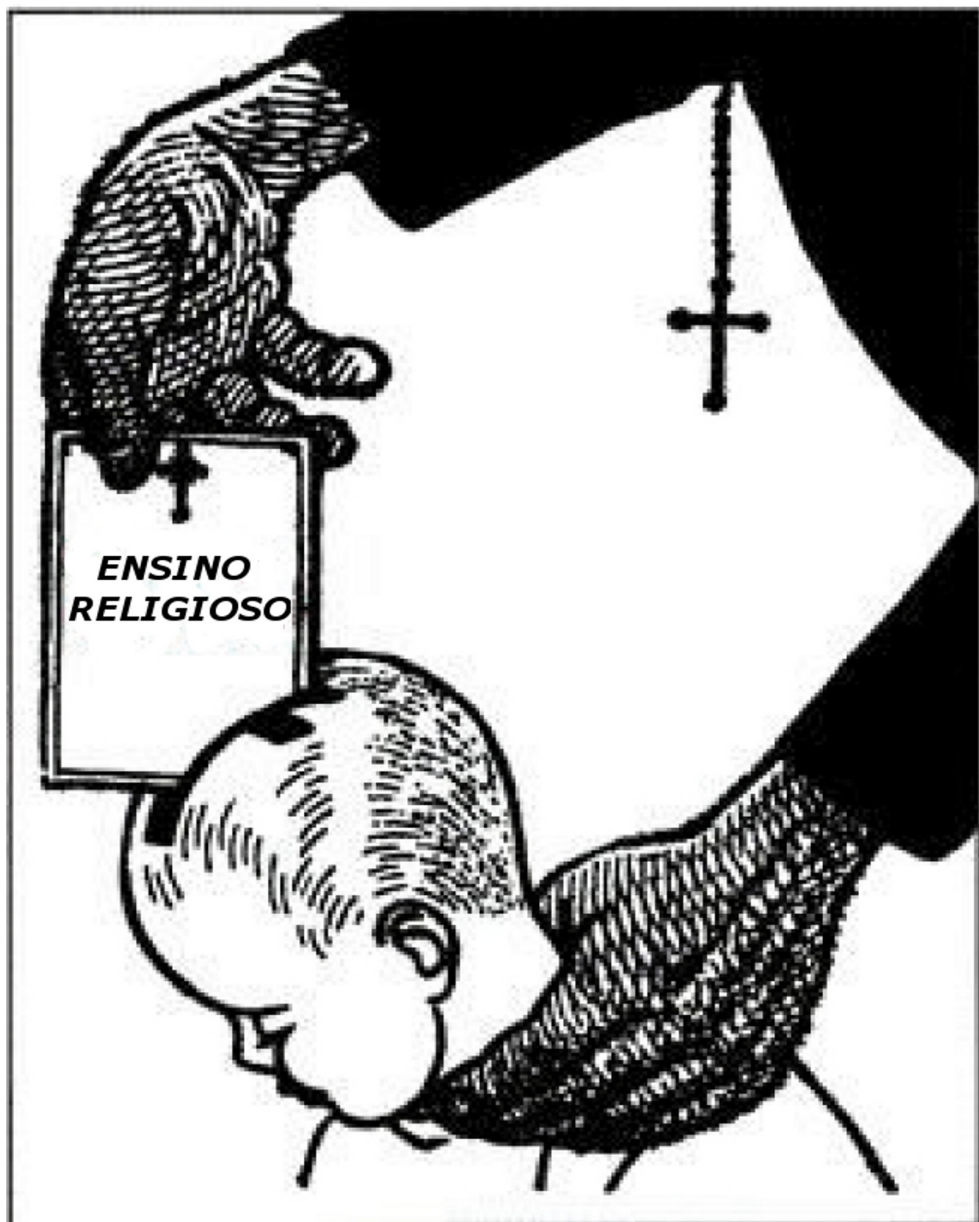
Entre em contato, já estamos
organizando esse importante evento
libertário e é aberto a todxs ...
exprana@riseup.net

ANARQUIA!
FENIKSO NIGRA

Não engula qualquer coisa ...

Anda nas bocas por ai ...
Aurora Obreira!
Leia, divulgue e contribua!
Veja nosso sitio eletrônico:
anarkio.net

fenikso@riseup.net

barricadalibertaria@yahoo.com.br

A intolerância religiosa é um dano a humanidade!
Contra o preconceito e imposição religiosa e pela união anticlerical!
Abaixo as instituições religiosas e crenças mercenárias!